



## 5º Simposio de Ensino de Graduação

### ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO “BERENICE” DE EDGAR ALLAN POE

#### Autor(es)

ÉRICKA BAUCHWITZ FURLAN

#### Orientador(es)

Josiane Maria de Souza

#### 1. Introdução

A proposta deste trabalho partiu inicialmente de uma tarefa requisitada para a disciplina de “Teoria Literária I”. Após estudar o modelo analítico estrutural do ensaio de Roland Barthes, inserido no texto de Carlos Reis “Técnicas de Análise Textual” foi possível efetuar uma prática da análise literária dentro do conto “Berenice”, cuja autoria é remetida a Edgar Allan Poe. A importância desta atividade explana-se pelo fato de fornecer ao leitor uma nova visão sobre o texto que lê. É possível desempenhar mais do que uma leitura analítica, privilegiando um aspecto crítico da obra. É estimulado no leitor observar fatores que vão além daqueles apresentados explicitamente na obra, sendo possível estabelecer relações com conhecimentos prévios, consentindo assim um aprofundamento intrínseco do texto e sua reflexão geral. Neste caso, a análise se deu ante um estudo filosófico da Teoria das Idéias de Platão. Para tal, tomou-se como base uma leitura ampla de conceitos filosóficos “O mundo de Sofia, de Jostein Gaardner” e uma mais estrita “Para uma nova interpretação de Platão, de Giovanni Reale”. Além de parte da obra de Carlos Reis e do texto traduzido de Poe por Breno Silveira, também foram utilizados, como base de estudo, Dicionários de Símbolos; Dicionários de Nomes Próprios e Dicionários da Língua Portuguesa.

#### 2. Objetivos

A análise literária do conto “Berenice” aqui efetuada teve como objetivo principal efetuar uma leitura mais aprofundada e minuciosa da obra, estabelecendo uma relação direta com as idéias do filósofo Platão. Com base no ensaio de Barthes, foi realizada uma análise estrutural, dividindo o texto em partes, mas sem esquecer seu aspecto geral. Para Barthes, o texto literário é como uma grande frase atuando como um sistema fechado, mas que se dividindo pode cada parte atuar com e em relação à outra. Exatamente esta foi a aplicação cumprida, podendo atingir o objetivo primordial de investigar a fundo a obra, desvelando uma nova interpretação além daquela expressa nas linhas do autor, no caso o vínculo com a Teoria das Idéias.

#### 3. Desenvolvimento

Depois de estudar o ensaio de Barthes e visualizar o funcionamento de uma análise estrutural, dentro da obra de Carlos Reis, sobre o conto “A Paga, de Miguel Torga” a proposta foi exercitada de mesmo modo. De modo a concretizar tal feito, foram realizadas diversas leituras da obra de Poe. Após ressaltar uma questão a fim de trabalhar a interpretação do texto, foi feito um estudo de diversos vocábulos inseridos no conto, tanto em dicionários focados na simbologia quanto aqueles da língua portuguesa, a fim de obter informações mais exclusivas. É válido lembrar que o conto foi trabalhado em sua versão traduzida para a língua portuguesa e, como tal, nesta língua foi analisado. Relações simbólicas foram estabelecidas com a Teoria de Platão, permitindo a sustentação e comprovação da hipótese levantada para a questão. O texto também apresentou sua divisão em Seqüências, revelando um total de seis mudanças tonais em seu andamento. As funções distribucionais e integrativas também foram decompostas. As distribucionais subdividiram-se em trinta Funções Cardinais (ações) e oito Catálises (pausas). Já as integrativas possibilitaram nove informantes de tempo ou espaço e totalizaram trinta e três Indícios que sustentaram a ligação da obra com a questão de Platão.

#### 4. Resultados

A resposta destas ações proporcionou uma nova interpretação da obra de Poe. A divisão estrutural não modifica a interpretação aqui trabalhada, tanto que se comparada diferentes análises pode-se obter semelhantes resultados. Já a interpretação pode variar de acordo a questão trabalhada. Para uma melhor compreensão é de grande valia repassar o enredo de “Berenice”. É possível fazê-lo através das funções cardinais, que são ações responsáveis por alterações no desenvolvimento do enredo: “Egeu e Berenice crescem juntos, mas diferentes, ele pobre de saúde ela ágil. A seguir Berenice fica doente. Egeu diz da agilidade de sua própria doença, a monomania, dominando-o. A seguir é registrado o encontro de Egeu com Berenice. A ação que se segue é de Egeu olhando-a, com anseio. Mas desvia o olhar para atingir em seguida a visão de seus dentes. Berenice sai do aposento, mas mesmo assim Egeu continua a contemplar-lhe os dentes, dando continuidade na próxima ação quando a monomania se apresenta novamente. Sua fixação apenas cessa com um grito que ouve. Depois uma criada lhe diz que Berenice já não existia. A ação seguinte retira Egeu de sua biblioteca, levando-o até o quarto da defunta. Alguém fala com ele, perguntando se tinha interesse em ver o corpo. Sua resposta é observada na próxima ação, quando ele ultrapassa as cortinas que envolvem o corpo e separa-se do mundo externo. Egeu sente o incômodo que o corpo morto lhe apresenta e quer fugir. De repente, ele crê ter visto um dedo se mexer. Na próxima ação, ele olha o cadáver que tem um lenço amarrado em seu queixo. Este lenço desata, e pode-se ver que a boca de Berenice é aberta, já que seus dentes se mostram a Egeu. Egeu sai a correr. Ele apresenta-se novamente na biblioteca e Berenice, enterrada. A seguir, Egeu está confuso e não sabe as ações que precederam aquele momento. Ele olha ao redor e vê uma caixa familiar – do médico da família, assim como vê um livro aberto, com uma frase destacada “Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantum fore levatas”. Ao lê-la sente-se incomodado. Um criado entra e começa a falar-lhe com uma voz trêmula, rouca e baixa, contando que os empregados ouviram um grito e buscaram pelo som. Havia o túmulo sido violado, e mais do que isso o corpo encontrava-se desfigurando e ainda vivo. O criado mostra sinais de sangue e unha no corpo de Egeu. Na ação seguinte, mostra uma pá. Egeu grita e busca alcançar o interior da caixa. Não consegue abri-la. A caixa se rompe ao cair no chão, espalhando instrumentos cirúrgicos, assim como as trinta e duas peças brancas de marfim (os dentes de Berenice). A leitura do conto incitou uma questão diante do comportamento do personagem Egeu. Por que motivo, o personagem tem sobre sua mesa o livro aberto com a seguinte frase em destaque “Dicebant mihi sodales, si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantum fore levatas” (Diziam-me os amigos que, se eu visitasse o túmulo da amiga, minhas preocupações seriam suavizadas)? Buscando compreender o texto num nível simbólico-semântico é possível levantar a hipótese de que Egeu tomou conhecimento da existência do Mundo das Idéias e queria atingi-lo, acreditando ser isso possível através de Berenice, que aos seus olhos, estava conseguindo atingi-lo. Inicialmente foi retomado conceitos associados à Teoria de Platão. O filósofo retrata a existência do Mundo dos Sentidos e o Mundo das Idéias. O Mundo Sensível formado de incertezas apresenta elementos desintegráveis. Platão afirma que este é uma imagem do Mundo das Idéias, o qual contém o elemento na sua forma mais pura, mais perfeita e integrada. Ou seja, os elementos básicos

que se desintegram surgem de uma fonte eterna e imutável. As Idéias são imutáveis e proporcionam o conhecimento seguro com uma Razão axiomática e igual para todos. O ser é ser em seu sentido pleno e vive numa dimensão diferente do Mundo Sensível. O agente instigador desta associação provém da possível admissão do personagem Egeu quanto à existência do Mundo das Idéias. Apesar de afirmar “Mas é simplesmente ocioso dizer que não vivi antes... que a alma não tem nenhuma existência anterior.”, Egeu, logo em seguida, declara a possibilidade de uma lembrança prévia “uma lembrança como uma sombra, vaga, variável, indefinida, incerta”, fornecendo assim a primeira conjetura da existência do Mundo das Idéias. Levando-se em conta que este se apresenta no Mundo dos Sentidos, há um esquecimento do Mundo das Idéias, e o próprio Mundo Sensível não permite uma clareza tal qual como no mundo puro. Na última sentença do parágrafo “como uma sombra também, me vejo na impossibilidade de desfazer-me dela enquanto existir a luz de minha razão.”, Egeu se dá conta da existência de sua Alma no Plano Perfeito, mas sendo apenas uma sombra no Mundo Sensível, ou seja, estando presente no Mundo dos Sentidos e fazendo uso dele não é capaz de libertar-se para atingir o outro Mundo. No primeiro parágrafo, pós-epígrafe, catalítico e de caráter filosófico cita-se: “O infortúnio é múltiplo. A infelicidade, sobre a terra, multiforme.” Pode-se observar que as frases se complementam ao compreendê-las pela Teoria de Platão: “o infortúnio é múltiplo”. O Mundo dos Sentidos goza da multiplicidade e é infelicitosa sua imprecisão e imperfeição diante do Mundo Puro. “A infelicidade, sobre a terra, multiforme.” Evidencia que a multiplicidade está sobre o Mundo dos Sentidos, e que por isso a infelicidade (devido à imperfeição) tem muitas formas. A comparação feita com o arco-íris leva-o a questionar: “Como é que pode obter da beleza um tipo de fealdade? Como pode conseguir, do pacto de paz, um símile de tristeza? Mas, como na ética, o mal é uma consequência do bem e, assim, na realidade, da alegria nasce a tristeza.”; tendo como resposta a compreensão de que do Mundo Perfeito das Idéias nasce o Mundo Impreciso dos Sentidos. A relação de termos opostos como bem e mal se unificam no Mundo das Idéias, mas são múltiplos e mutáveis nos Sentidos (modificam a cada época e cultura, e por isso tornam-se múltiplos e consequência um do outro). Ao atentar a perfeição dos dentes de Berenice, crê ser possível atingir o Mundo das Idéias através dela (“não saíra do aposento desordenado de meu cérebro”). Ele era capaz de visualizar o perfeito em seu cérebro, mesmo sem a presença do sensitivo. Este juízo sucede em “presentes em minha visão mental, e sua única individualidade se transformou na essência de minha vida espiritual”. Esta relação torna-se explícita quanto à significação dos dentes de sua prima para si: “Na parte final da obra, Egeu busca a caixa que pode ser identificada como representação do inconsciente. Ao derrubá-la, “peças brancas, semelhantes ao marfim, que se esparramaram, aqui e acolá, pelo assoalho.” caem os dentes de Berenice. O branco representa a passagem, anterior a todo nascimento; a todo começo. O marfim simboliza a pureza, sendo ele inquebrável e incorruptível. A partir das ações do texto é possível assumir a idéia de que Egeu visitou Berenice no túmulo, a fim de retirar seus dentes, podendo tomar posse da pureza que ele representava, tranquilizando suas inquietações ao alcançar com êxito o Mundo das Idéias. É por isso que se encontrava grifada esta frase no livro aberto sobre sua mesa em sua biblioteca. No ambiente da reserva do saber estava a resposta em destaque para sua agitação. O título Berenice pode também ser interpretado. Berenice origina-se do grego “Phereníke” ou “Bereníke” e significa portadora da vitória. Egeu foi vitorioso. Ele teve êxito ao conseguir conquistar sua tarefa: atingir o mundo das Idéias. A epígrafe que se segue, a mesma frase destacada do livro, revela já no início da obra que a personagem conseguiria triunfar ao visitar o túmulo da amiga.

## 5. Considerações Finais

Estas são apenas algumas relações trabalhadas na análise em sua íntegra. Muitos termos tiveram seu perfil simbólico extirpado para além de uma compreensão basilar. Assim sendo, este estudo possibilita alcançar uma percepção longínqua do referente comum. Esta faculdade analítica é fator inicial e essencial para desenvolver um senso crítico. Relacionar diversos conhecimentos permite o estudante ir além, atingindo um entendimento amplo de questões gerais (unidade), não se limitando a aprendizados fracionados (multiplicidade). Este efeito deve ser de primordial importância quando se reflete sobre a questão da Educação, devendo ser sustentada não apenas na Universidade, como também anteriormente e ultrapassando-a em sua posteridade.

## Referências Bibliográficas

---

- BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- COSTA, Camille Vieira da. **Dicionário de Nomes Próprios**. 3. ed. São Paulo: Traco, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico: século XXI**. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira, nov. 1999.
- GAARDNER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 97-106.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- POE, Edgar Allan. Berenice. In: \_\_\_\_\_. **Histórias Extraordinárias**. Tradução Breno Silveira e outros. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 53-65
- REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 117-139.
- REIS, Carlos. **Técnicas de Análise Textual**. Coimbra: Almedina, 1996. p. 226-251.